



Opinião Econômica

Mauro Zafalon

Responsável pela coluna Vaivém das Commodities, é formado em jornalismo e em ciências sociais, com MBA em derivativos na USP. Cobre o agronegócio para a Folha há mais de 50 anos



Brasil encosta nos EUA em exportações do agronegócio

Americanos patinam no mercado externo, e brasileiros elevam vendas

Ao contrário do que ocorre no Brasil, as exportações agropecuárias dos Estados Unidos têm crescimento lento nos anos recentes. No ano passado, as vendas externas dos americanos atingiram US\$ 171 bilhões, 14% acima do valor de há cinco anos. No mesmo período, o Brasil elevou suas exportações para US\$ 169 bilhões, 68% a mais.

Os brasileiros estão prestes a superar os americanos no comércio mundial nesse setor.

Com a área de produção definida, os EUA não têm muito espaço para crescer. Na pecuária, estão com o menor rebanho em 70 anos e sem condições de elevar as exportações. Além disso, a política de afrontamento de Donald Trump com os par-

ceiros comerciais tem reduzido as exportações, principalmente para grandes mercados, como o da China e, agora, o do Canadá, tradicional parceiro dos Estados Unidos.

No início deste século, os americanos tinham receitas de exportações do agronegócio de US\$ 56 bilhões, 167% a mais do que as do Brasil. Neste ano, os dois países devem ficar com valores próximos a US\$ 170 bilhões. O Brasil, apesar dos preços menos aquecidos no mercado externo, vem tendo exportações em ritmo recorde. De janeiro a julho, são US\$ 103 bilhões, uma média de US\$ 14,7 bilhões. A média mensal dos EUA foi de US\$ 15 bilhões.

Os americanos perdem es-

paço em mercados importantes, como o da Ásia. De 2022 a 2025, exportaram 25% a menos para o continente. Já o Brasil teve alta de 9%. A perda ocorre, principalmente, devido à política de enfrentamento de Trump com a China, o que acontece desde o seu primeiro mandato.

As exportações americanas de 2025 para os chineses, comparadas às de cinco anos atrás, recuaram 49%, enquanto as do Brasil subiram 8% no período. O país governado por Trump continua ocupando espaço no mercado internacional de milho, mas perde no da soja. A oleaginosa, que liderava o volume de receitas obtidas na balança do agronegócio, cedeu o lugar para o cereal.

O Brasil passou a ocupar lugar dos americanos também nas carnes. A alta da renda familiar nos países em desenvolvimento da região asiática e a maior facilidade no fluxo comercial permitiram um avanço da proteína animal brasileira naquele mercado.

Os Estados Unidos perdem mercado também nos países desenvolvidos da região, como o Japão. Os americanos chegaram a ganhar um impulso no comércio externo com o acordo USMCA, em 2020, bloco que reúne os países da América do Norte (Estados Unidos, México e Canadá).

O comércio do primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado, no entanto, teve evolução de apenas 2%, devido à política ex-

terna de Trump. Já a pressão do presidente dos EUA sobre os europeus parece ter dado resultado neste ano. As negociações com a União Europeia renderam 12% a mais no primeiro semestre, após um período de estabilidade nos anos anteriores.

O Brasil ganha mercado em praticamente todas as regiões, inclusive na América do Norte. Nos últimos cinco anos, o crescimento da relação comercial com os países daquela região foi de 11%, puxado, principalmente, pela demanda de carne bovina pelos EUA. Líderes em produção mundial nessa proteína até pouco tempo, os americanos perderam a capacidade de exportação e se tornaram grandes importadores.

Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas:

Vai investir na sua empresa?

Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:

Nova planta de produção de biocombustível avança em Erechim

/ ENERGIA

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Com as fundações para a futura indústria prontas, o Grupo Vaccaro, de Erechim, no Norte do Estado, executa a fase de montagem das estruturas metálicas da sua futura usina de produção de biocombustíveis. A estimativa é de que a obra, com previsão de

entrega em fevereiro de 2027, esteja 50% executada agora.

São desembolsados R\$ 90 milhões no projeto neste ano. Outros R\$ 55 milhões ainda serão investidos no próximo ano para a concretização da fábrica, que teve outros R\$ 35 milhões investidos na sua fase inicial, em 2025.

“Temos um potencial muito grande em grãos na nossa região, e o mercado quer cada vez mais investir em energia limpa como uma forma de

sobrevivência no planeta. Decidimos pelo investimento porque percebemos a necessidade de agregar valor à produção e transferir os resultados deste alto potencial aos produtores”, explica o diretor do Grupo, Carlos Vaccaro.

Segundo ele, na arrancada da produção, a estimativa da Vaccaro Indústria, o braço industrial da empresa, é fornecer ao mercado 300 metros cúbicos de biodiesel por dia - em torno de 340 mil litros. Após o período de adaptação da planta industrial, serão 600 metros cúbicos diários de biocombustível gerados a partir do óleo de soja e de gordura animal. A expectativa é garantir, já a partir de 2027, uma média de 25% ao ano de crescimento no faturamento.

Há cerca de um ano e meio, a empresa de 70 anos, com atuação no Norte e no Centro do Estado, opera no mesmo parque industrial de 25 hectares, em Erechim, uma planta de esmagamento de grãos de soja. Parte do óleo resultante deste processo é negociada com indústrias que já produzem biocombustível na região. A partir de 2027, essa cadeia própria avançará na verticalização, que tende a ser comple-

ta. Isso porque, no mesmo parque industrial, é erguida outra fábrica, com previsão de início da produção até o final deste ano.

Trata-se de uma unidade de produção de ração animal. Com aporte de R\$ 10 milhões, a Vaccaro passará a elaborar até 340 toneladas por dia de rações que atenderão aos setores de aves, suínos, ovinos e, principalmente, à bacia leiteira.

Até então, o farelo de soja resultante dos processos de esmagamento e os grãos coletados eram industrializados em outras indústrias.

Ficha técnica

- **Investimento:** R\$ 155 milhões no total - na obra, R\$ 90 milhões neste ano e R\$ 55 milhões no próximo, além de R\$ 10 milhões de aporte.
- **Estágio:** Em execução até 2027
- **Empresa:** Grupo Vaccaro
- **Cidades:** Erechim
- **Área:** Indústria

Atuação na produção rural

“Contamos com uma rede de 15 mil produtores que são nossos clientes cadastrados e fornecedores nas regiões em que atuamos. Também trabalhamos com a compra de grãos de outros produtores”, comenta o empresário à frente do Grupo Vaccaro.

Além do braço industrial, a Vaccaro Agro é igualmente atuante. Na área de Erechim, além das plantas industriais, há estruturas de armazenamento de grãos, além de 20 silos em outras regiões. A empresa tem ainda 33 lojas agrícolas no Estado, que contam, além de insumos para os produtores, com uma rede de técnicos que prestam assistência. São, por exemplo, 12 veterinários dedicados aos produtores de leite locais.

Entre as prioridades na cadeia de fornecimento de matéria-prima, estão os dois centros tecnológicos criados pela Vaccaro e dedicados à pesquisas de solo e aprimoramento de grãos.



VACCARO/JC/DIVULGAÇÃO

Previsão é de que a obra seja concluída em fevereiro de 2027